

# DIÁLOGO SOBRE EXPERIÊNCIAS CORPÓREAS DE BEBÊS EM ESPAÇOS ESCOLARES

GT 1: CULTURAS ESCOLARES E LINGUAGENS

## Trabalho completo

Ellen, C. C. S COELHO 1 (Discente do Programa de Pós-Graduação em Educação)  
e-mail: [ellencristine.coelho@gmail.com](mailto:ellencristine.coelho@gmail.com)

Cléo, F. GOMES 3 (Programa de Pós-graduação em Educação/UFMT)  
e-mail: [gomescleo.cg@gmail.com](mailto:gomescleo.cg@gmail.com)

Jaqueline A. F. WALDERRAMA (Discente do Programa de Pós-Graduação em Educação)  
e-mail: [jaquefalco@gmail.com](mailto:jaquefalco@gmail.com)

## Resumo

Este trabalho tem por objetivo propor uma reflexão sobre a importância das experiências corpóreas nos processos de aprendizagem de bebês, de faixa etária de 1 ano de idade, em espaços escolares. Esta explanação foi escrita com base nos estudos desenvolvidos no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Corporeidade e Ludicidade. Com contributos de Philippe Ariès (1986) retransmitindo os estudos sobre a história social da família e da infância, a sociologia da infância nos estudos de Willian Corsaro (2011) e Sarmento (2004, 2003). A socioantropologia do corpo com Le Breton (2012) e estudos epistemológicos por Jean Piaget (1970, 1986).

Palavras-chave: Bebês1. Experiência corpórea 2. Culturas Infantis 3.

## 1 Introdução

Esta explanação foi escrita com base nos estudos propostos no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Corporeidade e a Ludicidade, no qual faço parte como discente do curso de pós-graduação doutorado em educação, sob a orientação do Prof. Dr. Cléo Ferreira Gomes. Têm por objetivo propor uma reflexão sobre a importância das experiências corpóreas nos processos de aprendizagem de bebês, faixa etária de 1 ano de idade em espaços escolares.

Minha opção por abordar as experiências corpóreas de bebês nesta proposta, vem do interesse em dar visibilidade a sua ação no contexto escolar, o que implica pensar as questões que envolvem seu cotidiano na escola infantil; uma vez que existem uma multiplicidade de acontecimentos que por muitas vezes não são vistos como aprendizagens.

Para discorrermos sobre o tema, primeiramente precisamos compreender alguns conceitos apresentados no título do trabalho “*Diálogos sobre experiências corpóreas de bebês em espaços escolares*”, que são: o conceito de experiência corpórea e a condição infantil do bebê no contexto da infância.

## 2 O corpo em sua condição existencial: experiências corpóreas

Estudos contemporâneos sobre a socioantropologia do corpo têm elucidado questões de que: o corpo está para além de um objeto estudado pela ciência, ele é sim uma condição e base para a existência do indivíduo.

David Le Breton, sociólogo e antropólogo de grande referência nos estudos sobre a sociologia do corpo, contempla em seus escritos que a existência é corporal. O corpo é como um condutor responsável pela captação das informações e pelo registro das experiências em seu entorno. Conforme Le Breton (2012):

O ator abraça fisicamente o mundo apoderando-se dele, humanizando-o e, sobretudo, transformando-o em universo familiar, compreensível e carregado de sentidos e de valores que, enquanto experiência, pode ser compartilhado pelos atores inseridos, como ele, no mesmo sistema de referências culturais. Existir em primeiro lugar mover-se em determinado espaço e tempo, transformar o meio graças à soma de gestos eficazes, escolher e atribuir significado e valor aos inúmeros estímulos do meio graças às atividades perceptíveis, comunicar aos outros a palavra, assim como um repertório de gestos e mímicas, um conjunto de rituais corporais implicando a adesão de outros. (p.7-8).

O autor adota a ideia da realidade construída do corpo, com múltiplas significações culturalmente operantes e associadas aos atores, vistos como corporeidade. Distancia-se da ideia de ser ele atributo da pessoa, um pertencimento da identidade em recusa à ideologia individualista. A sociologia aplicada ao corpo, deve produzir muitas investigações significativas, cuja agenda inclui, dentre os vários itens: o inventário e a comparação das diferentes modalidades corporais, significações, representações e valores nos distintos grupos sociais.

O corpo na infância é elemento fundamental para o desenvolvimento das crianças. É considerado a primeira forma de linguagem, pois, através dele, elas introduzem suas comunicações com o meio, expressam sentimentos, emoções, exploram o ambiente e partem em busca do que lhe desperta interesse e curiosidade, experimentando sempre diferentes maneiras de utilizar o corpo.

O corpo é explorado pela criança desde seus primeiros meses de vida. É o verdadeiro órgão da aprendizagem e a estrutura que serve de suporte para a criança explorar suas percepções sensoriais. Por meio das experiências corpóreas que os bebês fazem o descobrimento do mundo e das pessoas por meio do con/tato e de suas ações.



No caso dos bebês, quando exploram os espaços se apoderam do mundo resignificando e dando sentido ao que lhe foi vivenciado enquanto experiência, repertoriando com novos esquemas corporais e sensoriais tornando-os de seu hábito. A cada nova conquista de um bebê ele se revela potente e disposto, que a todo momento posiciona as suas vontades.

O epistemólogo suíço Jean Piaget (1986), elucida sobre as fases do desenvolvimento infantil, especificamente a fase sensório-motor que contempla a faixa etária de crianças entre 0 a 2 anos, que nesta fase as crianças desenvolvem a capacidade de se concentrar em sensações e movimentos. O bebê começa a interagir com o mundo exterior, interessando-se pelos estímulos que ele proporciona, durante esse período se desenvolve a coordenação motora.

Conforme Piaget (1986), a experiência corporal abre caminho para a criança desenvolver sua independência e consciência própria e individualidade para o amadurecimento cognitivo. Ela aprende pelas sensações que chegam do ambiente e pelas sensações provocadas pelo seu movimento, por isso chama-se sensório-motor.

As experiências corpóreas estão relacionadas à aprendizagem e o modo como percebe e vivencia situações cotidianas, assim como captura a realidade. Este universo explorador corpóreo e brincante para os bebês possibilita com que espaços escolares tornam-se lugares de alcance.

### **3 A condição Infantil do bebê no contexto da infância**

Estudos interdisciplinares sobre infâncias e crianças têm rompido paradigmas e conquistado espaços de discurso, além de propor uma análise sobre as percepções de infância e criança que foram construídas em cada período da sociedade.

Philippe Ariès (1986), em sua obra intitulada *História Social da Criança e da Família*, retratou com profundidade o entendimento sobre família e infância que se instaurava no período da Idade Média. Buscou-se compreender esse sentimento de ausência sobre infância, identificando que essa compreensão estava relacionada a não consciência daquilo que era peculiar à criança e não ao fator de negligência.

A percepção do historiador francês, fez repercutir críticas e novas discussões acerca da especificidade infantil. O autor denota uma dimensão importante para o avanço de novos entendimentos sobre essa questão. Seus escritos revelam uma criança que possuía singularidades, mas aos olhos da sociedade à época não se separava do universo adulto.

Ariès (1981) retrata a história da infância, a partir de um período em que não existia uma preocupação em preservar a sua memória histórica. O sentimento de infância como é conhecido na contemporaneidade ainda não existia, pois se trata de um período que nem mesmo o nascimento dos bebês era registrado com o rigor que se têm hoje.

Na esteira dos recortes históricos sobre a construção do pensamento sobre infância e criança, nas últimas décadas no Brasil as pesquisas na educação infantil vivem intensas modificações, com marcos e consolidação nas definições da Constituição de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, estas legislações nacionais no período de sua instauração, passaram a reconhecer creches e pré-escolas para crianças de 0 a 6 anos, como parte do sistema educacional, primeira etapa da educação básica.

A educação infantil subdividida em: creches com atendimento específico às crianças de 0 a 3 anos e onze meses, pré-escola para crianças de faixa etária de 4 a 5 anos e onze meses. A educação para a primeira infância no Brasil se normatiza, no entanto, a incorporação das creches aos sistemas educacionais não necessariamente tem proporcionado a superação da concepção educacional assistencialista. Recorrente a estudos sobre esta temática, temos o pesquisador dedicado a historiografia da educação infantil no Brasil, professor Moises Kuhlmann Júnior (1998).

O autor em seu livro “Infância e educação infantil uma abordagem histórica”, aborda questões sobre a importância dos processos de aprendizagem que crianças pequenas vivenciam nestes espaços escolares. Discorre sobre o binômio educar e cuidar que são indissociáveis das propostas pedagógicas vinculadas às crianças pequenas. Segundo Kuhlman Jr (1998):

A instituição educacional criada para as crianças até 3 anos, a creche, surgiu posteriormente àquelas destinadas às crianças maiores. Fröbel, fundador do jardim-de-infância, na Alemanha, em 1840, chegou a escrever sobre a educação desde a mais tenra idade, como no seu livro para as mães com sugestões de cantigas, brincadeiras e cuidados com os bebês. Mas o jardim de-infância não foi pensado para esses pequenos. (p. 3).

Para o autor a educação infantil, especialmente a creche, busca seu espaço dentro do sistema educacional. É até compreensível que a organização e o funcionamento das outras etapas da educação básica forneçam um modelo de gestão para a educação infantil, mas não se pode perder de vista que o trabalho das instituições de educação infantil envolve, necessariamente, a articulação entre cuidado e educação. Dessa forma, a educação infantil necessita de um arranjo organizacional que garanta o atendimento em tempo integral; a

organização adequada do espaço físico, de modo que a criança se sinta acolhida e confortável; a realização de um projeto educativo sistemático, intencional, que promova o desenvolvimento físico, afetivo e intelectual.

Para o autor, desde Fröbel, essas ideias pedagógicas inspiraram a construção pedagógica da educação infantil, a história desta anuncia propostas que dizem acompanhar ou favorecer o desenvolvimento natural da criança. No entanto, ao isolar a criança, como único elemento da relação pedagógica, se esquece do quanto o adulto determina as condições no interior da instituição de educação infantil. Nisto a experiência da criança, o seu desenvolvimento, que também é natural e biológico, se “descola” das raízes históricas, culturais e sociais em que acontece.

#### **4 Bebês se movimentam e produzem cultura**

Como proposta de discussão neste trabalho, nos atentamos em evidenciar sobre as vidas de crianças bem pequenas, concebendo o bebê como um ser competente, em sua inteireza, capaz de sofisticadas formas de comunicação, quando estabelecem trocas com seus pares e adultos. A experiência do convívio humano entre adultos e crianças, e das crianças entre si, proporciona aprendizagens que são construídas no cotidiano da escola, nas relações e ações que ali se estabelecem.

Neste ambiente de trocas, eles movimentam e ressignificam o mundo à sua maneira, uma lógica particular é acionada pelas crianças a todo momento para dar sentido às suas experiências, suas formas de pensar e de sentir, específicas na infância, das crianças e seus pares, distintas das dos adultos, mas não independente destes é intitulado pelo professor lusitano Manuel Jacinto Sarmento como *Culturas Infantis*. Contributos das investigações em sociologia da infância por Willian Corsaro e Sarmento, trouxeram questões basilares para compreendermos o conceito de Culturas Infantis.

Sarmento (2003) define quatro pilares-eixos estruturantes das culturas infantis, sendo: a **interatividade**, quando todos estão envolvidos em uma atividade; **ludicidade**, sendo possível nos momentos de brincadeiras, e quando os adultos utilizam do imaginário infantil para trabalhar com as crianças e elas se apropriam do mundo dos adultos ressignificando os espaços; **a reiteração** que faz parte da retomada da brincadeira, sendo iniciada, finalizada e reinventada quantas vezes as crianças acharem necessário, partindo do entendimento delas sobre o tempo e, por último, o pilar do **jogo simbólico**, presente nas brincadeiras, que possibilita a troca de experiência sobre as culturas infantis e as culturas dos adultos. Sob essa ótica, a criança produz

cultura e reconfigura os espaços de sua convivência.

Corsaro (2011), pesquisador norte-americano com formação em Sociologia, o qual tem dedicado seus estudos e pesquisas a essa área do conhecimento, propõe a noção de reprodução interpretativa, a qual fornece uma base para a nova Sociologia da Infância. Com esse conceito, tal pesquisador mostra que as crianças produzem culturas, e que esse processo não é somente uma imitação do mundo adulto, mas uma interpretação criativa.

O termo interpretativo abrange os aspectos inovadores e criativos da participação infantil na sociedade [...] as crianças criam e participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares quando selecionam ou se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para lidar com suas próprias e exclusivas preocupações. O termo reprodução inclui a ideia de que as crianças não se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e mudanças culturais (CORSARO, 2011, p. 31-32).

A reprodução interpretativa rompe com o pensamento linear. É um conceito que vê a criança no presente, cheia de potencialidades enquanto criança. Ela não se limita a imitar ou internalizar o mundo adulto, mas se esforça para interpretar e dar sentido a sua cultura e participar dela. Nessa tentativa de atribuição de sentido ao mundo adulto, as crianças produzem, entre elas, seus próprios mundos e culturas de pares.

O interesse pelo tema aqui indicado toma forma, a partir de uma necessidade de expor a importância de que os bebês estão inseridos na cultura ao passo que produzem uma cultura que lhes é própria, culturas estas que estão relacionadas às suas territorialidades, materialidades e outros sujeitos com que se relacionam, sejam estes outros bebês e outras crianças e até mesmo adultos. Eles são potentes ao fazerem uso de diferentes linguagens e ao produzirem cultura em contextos de comunicação, relação e produção cultural, em espaços coletivos de cuidado e educação.

Eles possuem uma cultura, assim como as crianças maiores e os adultos se expressam, falam, gritam, choram, brincam, trocam, interagem, se relacionam e com isso, fazem parte do mundo, esse mundo que é delas e que é feito por elas, todos os dias, nos seus grupos, nas suas individualidades, nas suas especificidades e nas suas culturas.

É através dessa interação da criança com sua consciência corporal que ela se desenvolve, descobre seus limites, desenvolve relações com o outro e com o ambiente em que está inserida.

Ambientes bem pensados e adequados incitam os bebês à curiosidade, exploração e busca de brinquedos, materiais e colegas, o que lhes possibilita escolher, ter e estimular a sua própria autonomia. Barbosa (2010 p. 08) sustenta que “as crianças pequenas, especialmente os bebês, têm a árdua tarefa de compreender e significar o mundo e precisam de tempo para

interagir, para observar, para usufruir e para criar”. A tarefa da criança de interagir com o que está a seu redor é bastante ampla e necessita de tempo e organização.

#### 4 Considerações finais

Os estudos aqui propostos sugerem contribuições sobre olhar a presença dos bebês nos espaços da escola, buscando compreender como isso pode redimensionar a prática pedagógica desenvolvida com eles. Ou seja permitir, incentivar e valorizar as ações e relações dos bebês e das crianças pequenas é condição para que os estabelecimentos educacionais sejam espaços favorecedores da produção de culturas infantis.

A Educação Infantil tem como tarefas proporcionar aos bebês o maior número possível de experiências de movimento, experimentação, troca de experiências e ampliação das relações sociais e do ambiente. As experiências corporais de movimento, individuais e coletivas, numa perspectiva lúdica do corpo, permitem à criança descobrir, descobrir-se, desenvolver sua independência e amadurecimento que fomentam sua curiosidade.

Suspeitamos que algumas reflexões e discussões, acerca do assunto, merecem uma atenção quanto ao propósito de desafiar as unidades de educação infantil a saírem do tradicional, a mudarem esse contexto, a contemplar o trabalho corporal, os desafios, a observarem as manifestações de bebês, ou seja, a linguagem corpórea de bebês que narram sua própria história.

#### Referências

ARIÈS, Philippe. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1986.

BARBOSA, M.C. **As Especificidades da Ação Pedagógica com os Bebês**. Ago. 2010. [file:///C:/Users/55659/Downloads/asespecificidadesdaacaopedagogica%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/55659/Downloads/asespecificidadesdaacaopedagogica%20(3).pdf) Disponível em: acesso em: 16 set. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília/DF: Presidente da República, [2016].

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

CORSARO, William. **Reprodução Interpretativa no Brincar ao Faz-de-Conta das Crianças**. Educação, Sociedade e Culturas. nº17, p.113-134, 2002.

CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

KUHLMANN Jr, Moisés. **Infância e Educação Infantil**: uma abordagem histórica, 1998

KUHLMANN Jr, Moisés. **Histórias da educação infantil brasileira**. Revista brasileira de educação, 2000.



**SemiEdu 2024**

FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
EM FOCO: DESAFIOS E  
PERSPECTIVAS

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. 387p.

PIAGET, Jean. **O possível e o necessário**: evolução dos necessários na criança. Porto Alegre: Artes médicas, v. 2, 1986.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, p. 9-34, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e cultura da infância**. Cadernos de Educação, 21, 13-22, 2003.

SCHIMITIZ, Vanessa B.; ISSE, Silvane F. **As experiências corporais e de movimento de bebês na educação infantil**. Revista Caderno Pedagógico, Lajeado, v. 13, n. 2, 2016. ISSN 1983-0882

Realização

